A Harpia que salta da folha em branco: angústia de escrever.

Como enfrentar a angústia frente à necessidade e a impossibilidade de dizer?

Emari Andrade

Mariana Ribeiro

No presente trabalho, desejamos discorrer a respeito da angústia de escrever e as possíveis saídas para um sujeito poder superá-la. Para tal fim, trilharemos o percurso de primeiramente delinear o conceito de angústia para a psicanálise de orientação lacaniana e, tomando como referência a nossa experiência, tecer algumas considerações a respeito do tema.

É importante salientar que não daremos soluções cômodas para a angústia, que nos levem a "deitar em verdes pastos", muito ao contrário, neste livro que toma como tema "O inferno da escrita", nosso objetivo é muito mais acentuar essa angústia de escrever do que trazer algum conforto, pois, se assim o fosse, estaríamos escrevendo falaciosamente.

Para intitular nosso artigo como *A Harpia que salta da folha em branco: angústia de escrever*, recorremos à figura mítica da Harpia, resgatando a passagem de Dante Alighieri, no segundo recinto, do círculo sétimo do Inferno, onde são punidos aqueles que cometeram violência contra si. Nesta passagem, Virgílio e o próprio Dante passam pela "floresta das Harpias", onde os suicidas são transformados em árvores. Estes ficam neste estágio intermediário para sempre, enquanto as Harpias os atordoam com seus terríveis gritos e os ferem constantemente.

Transcrevemos, no que se segue, a passagem que descreve a "floresta das harpias", para que se tenha uma noção desse cenário tenebroso e angustiante:

> Nesso ainda não chegara à outra margem quando adentramos uma floresta de tal modo espessa que por trilha alguma era cortada. Sua fronde não era verde, mas escura; não eram lisos seus ramos, e sim nodosos, e deles pendiam, em lugar de frutos, farpas venenosas" (...). Das Harpias o bando aqui pousava, que expeliram de Estrófade os troianos, vaticiando o mal, que os aguardava. Asas têm largas, colo e rosto humanos, garras nos pés, plumoso o ventre enorme, soam na selva os uivos insanos". (ALIGIERI, Dante. Canto XIII).

Assim como Dante e Virgílio tiveram de atravessar a "floresta das Harpias", assim também todos nós que escrevemos temos de atravessar a floresta da angústia, enfrentando aquilo que salta da página em branco, o medo, insegurança de não ser entendido, a nossa ignorância, enfim, qualquer coisa que nos incomoda e nos paralisa frente à necessidade de dizer. Mas, no que consiste a angústia?

No seminário 10 (1962-1963), dedicado especificamente ao tema, Lacan define a angústia como um afeto, no sentido de algo que afeta o sujeito, perturba-o na dimensão do movimento, transtorna-o, assusta-o. Isso porque a angústia introduz em nós a função da falta. Quando ocorre algo que não somos capazes de entender, quando ficamos boquiabertos diante de algo, quando o que se chama na psicanálise de *objeto a* aparece, que seria a dimensão do significante que se perdeu na constituição do sujeito e que nunca mais teremos como recuperá-lo, a angústia aparece. Portanto, ela aparece justamente quando ficamos expostos a uma falta, que é constitutiva a todo o ser humano.

Mas se, como disse, a angústia é algo que todos nós passamos, podemos nos perguntar: angustiar-se é do "bem ou do mal"? A resposta para a pergunta vai depender da nossa própria resposta frente aquilo que nos angustia.
Por exemplo, quando estamos muito angustiados, tendemos a pegar a primeira solução pronta que aparece na frente para nos livrarmos dela. No processo de escrita, quando estamos frente à necessidade de escrever, alguns podem plagiar, pagar para outros escreverem seus textos, ou copiar e colar vários excertos e forjar um texto.

Outros podem chorar, desenvolver doenças, dor de cabeça, perder arquivos do computar, enfim, a lista é grande de "desculpas" que podemos arrumar para não enfrentar a travessia da floresta da angústia. Contudo, quanto mais queremos "tamponar" a angústia, mais ela fica maior, aumenta e gera outras dores. Por exemplo, quando "esquecemos" de gravar um arquivo de um texto, pior ficaremos, e cada vez mais nos sentiremos pior que uma lagartixa. É que o que acontece quando alguém tenta se livrar da angústia por meio da bebida, momentaneamente pode "esquecer" dos seus problemas, mas, logo voltarão... E mais bebida, desencadeando assim um círculo vicioso.

Mas por que escrever angustia? Dizemos que escrever angustia porque, em qualquer processo criativo que eu queira fazer, se deve levar em conta suportar a própria angústia, o que significa suportar a própria ignorância, não somente para si mesmo como também diante dos outros, porque a gente supõe que quando escrevemos o nosso texto vai circular socialmente, os outros vão ler e o "que será que vão pensar"?

Suportar as Harpias que gritam a todo o momento e que saltam da página em branco sempre que você tem uma idéia legal e tenta simbolizá-la é um inferno! Mas é preciso para que uma produção se concretize. Então, a angústia é do bem quando essa falta aparece e a gente não tenta tamponá-la, mas, reconhecendo sua existência, trabalhamos para dar uma resposta criativa para essa angústia.

Quanto mais nos aproximamos de nossa ignorância, daquilo que não sabemos, mais trabalharemos para superar essa ignorância, mesmo sabendo que nunca poderemos preenchê-la. Por isso, que escrevemos um artigo, depois estudamos mais um pouco, mudamos de idéia, escrevemos outro, e assim por diante.

Portanto, a angústia é a mola propulsora para a criação. Sem ela, ficaríamos na inércia, não haveria ato criativo. Pois se essa falta não aparecesse, ficaríamos sempre no mesmo lugar, já que tudo se sabe, tudo já foi escrito...

Então, é possível dizer que só pode haver produção de algo novo quando este é precedido pela superação da angústia inerente ao ato de criar. Fazer a travessia daquilo que Lacan nomeia como a "floresta da angústia" demanda poder suportar a possibilidade do próprio sucesso. Se, em um primeiro momento, pode soar estranho a frase "alguém não gostar do sucesso", ao voltar ao ensinamento de Freud (1920) a respeito da inexorabilidade da pulsão de morte, pode-se entender que não é fácil para um sujeito sair da lógica do *automatismo da repetição*, lógica esta que o mantém na inércia.

Em um estudo intitulado "Ódio ao Sucesso", o psicanalista Jorge Forbes (2005) discorre a respeito das dificuldades (imaginárias) que um sujeito deve superar para autorizar-se a fazer sucesso. Trata-se de duas ordens de fenômenos. No público de quem faz sucesso gera-se um incômodo advindo da percepção da possibilidade de sair do lugar comum, da mesmice de cada dia.

Já para quem faz sucesso, o desconforto se dá porque o sucesso "gera uma crise de identidade", originada quando ele se destaca das demais pessoas do seu grupo, da sua comunidade. Assim sendo, paradoxalmente, um sujeito "entra em crise" ao ser bem sucedido. Tal fato ocorre porque a identidade humana se estrutura na relação com o outro, o que leva muitas pessoas a criarem máscaras para disfarçar o sucesso.

Para concluir seu estudo, o psicanalista afirma que, ao contrário do que se pensa, chegar ao sucesso é um problema. Suportá-lo é um problema muito maior, pois exige que a pessoa passe a estruturar sua identidade independente do olhar do outro. Este é o único caminho possível de ser trilhado por todo aquele que ambiciona sustentar uma produção em nome próprio.

Trata-se de, ao mesmo tempo, incluir o semelhante (todo artista precisa de um público) e inventar um modo para driblar suas expectativas. Quem continua estruturando sua identidade a partir do olhar do outro enfrenta a conseqüência de passar pela vida, mas sem nunca ter deixado nela uma marca qualquer de seu desejo e, o pior, arca com a frustração de nunca ter "agradado a todo mundo".

De fato, é angustiante. Com relação ao momento de decisão de realizar um ato criativo, que nos leve a sair de uma posição confortável, cito Pommier (1992: 183), pois creio que suas palavras expressam exatamente o que todos nós sentimos:

> *O ato quebra a rotina, é conhecimento mortal. Quem inverte de uma ou de outra maneira o curso de sua existência, ou estabelece as condições de uma nova escolha, sem dúvida o faz na esperança de dar uma nova base a sua fantasia. Entretanto, no breve instante que precede essa nova disposição, conhece a angústia, um des-ser mortal que é o sinal de seu ato, a prova incomunicável de sua existência.*

Especificamente no meu caso, agora começo meu relato de experiência, o período mais angustiante é (e está sendo) ao longo da lida com os dados da minha pesquisa. Em especial, na tentativa de sistematizar os dados de Bridget Jones, pseudônimo que eu adotei para chamar uma das duas informantes da minha pesquisa, em que eu analiso a tessitura do texto acadêmico.

Chegar a tal conclusão não foi fácil, reconhecê-la foi um passo ainda mais demorado. Este passo tornou-se possível somente depois de conversas e mais conversas com minha orientadora. Interrogar o sentimento de angústia que me paralisava frente aos dados desta informante tornou-se um passo importante para a realização da pesquisa em si. A partir deste exercício, posso dizer que, para mim, foi e é extremamente desconfortável lidar com pilhas e pilhas de papel que Bridget me entregava sem, contudo, conseguir dar um pouco que seja de organização a esse “mundo desordenado das idéias”.

Lidar com uma rede de significantes relativamente organizada não coloca dificuldades acentuadas ao pesquisador. Já empreender um esforço analítico em um material que parece transcender a qualquer ordem demanda outro tipo de esforço. Esse horror advinha principalmente porque no meio desses rascunhos, é possível encontrar de tudo: receitas médicas, papéis de pão com anotações diversas, passagens de ônibus, desde contas mensais quanto letras de músicas e, na minha opinião, o mais assustador: vários e vários bilhetes que a informante escrevia para si mesma tentando organizar a sua própria bagunça, como: “texto não é enumeração, é um encadeamento de enunciados...”, ou “nunca mais deixar bilhetes nos capítulos”, etc.

Com relação aos arquivos digitalizados, eram vários e vários disquetes e cds que me entregava. Dentro de cada um desses materiais, encontram-se vários arquivos dos mesmos capítulos, várias pastas como “Capítulo 02 final”, “Final capítulo 02”, “Último Capítulo 02”, enfim, o seu “destrambelhamento” era tal que me assustava e assusta muito. Conclusão: tudo aquilo me causava horror e eu me angustiava por não conseguir tocar e olhar bem de perto para aquele amontoado de papel.

Pensando nos motivos de minha angústia, descobri que ela se dava porque não conseguia expressar em palavras aquilo que parecia ter lógica, ou seja, os textos de Bridget. Isso porque, nos dados que recolhi desta informante, a rede significante se desfaz a cada instante para se refazer mais a frente. Por esta razão, um próximo passo para a pesquisa foi enfrentar aqueles dados e encontrar um modo por meio do qual eu como pesquisadora conseguisse superar a angústia e encontrar um modo de lidar com o *corpus* que tinha em mãos.

Assim sendo, o passo necessário para sair dessa angústia foi mudar minha posição frente aos dados desta informante em questão e convencer-me profundamente de que não poderia e não poderei reconstruir toda uma rede significante num lugar onde ela não se constituiu, ou se constituiu de modo tão tênue que se desfaz facilmente.

Tratou-se, portanto, por parte do pesquisador, do exercício imprescindível de lidar com a própria castração. Desde ao modo, ao invés de querer reconstruir totalmente o percurso de Bridget, decidi por mostrar como a informante foi, paulatinamente, aprendendo a escrever a partir do momento em que escrevia sua dissertação.

Portanto, o que eu creio que é essencial para alguém superar a angústia de escrever é, admitindo sua própria ignorância, não dá-la ao outro, mas reconhecendo que, como diz na Bíblia, “tu és pó e ao pó voltarás”, cada um construir uma forma criativa para lidar com essa angústia.

Para terminar, leio as palavras de Pommier (tradução de Marie Tedeschi Conforti), pois creio que expressam bem o sentimento de todos nós ao tentar pela floresta angustiante da página em branco.

> Na maior parte das vezes, minha mão me obedece. Não obstante, a mestria sobre as formas que traço usualmente me escapa quando escrevo. Relendo minhas notas, e pensando no que queria exprimir, me descubro freqüentemente em falta, se não de ortografia, pelo menos de estilo ou legibilidade. Teria eu verdadeiramente escrito para ser lido? A quem se endereçam os rabiscos feitos na margem de um pedaço de papel, rabiscados quando as idéias se apressam e devem ser anotadas antes de desaparecer? Desse modo, o lugar de onde vem a minha escrita é o que primeiramente me escapa no momento de interrogar sobre a origem da escrita. A aprendizagem escolar não caracteriza essa proveniência, e, quando me acontece não poder escrever, não é graças a uma técnica ensinada que consigo superar a angústia da folha em branco. Aquele que acabou de escrever é capaz de dizer de onde procede aquilo que, na forma de suas letras, pertence exclusivamente a ele mesmo? Ele poderá explicar facilmente o conteúdo, os pensamentos, as ficções, as informações comunicadas por seu texto, mas não dirá nada sobre a origem de sua escrita, independentemente do que ela significa.

Escrever é, a **CADA VEZ**, reconhecer essa falta. É a cada novo texto, passar novamente por essa angústia. Por ela existir estamos aqui neste dia, sabendo que a única solução possível é, se responsabilizando por aquilo que a gente não sabe, trabalhar muito para que nossas idéias minimamente atinjam ao maior número de pessoas possíveis, sabendo que, em se tratando da linguagem, nunca conseguiremos recobrir totalmente a rede significante.

Referências Bibliográficas

FORBES, Jorge. (2005) “Ódio ao Sucesso”. In: http://www.psicanaliselacaniana.com/estudos/odio_ao_sucesso.html, capturado em 11/06/2007

LACAN, Jacques. (1962-63). **O Seminário. Livro 10: A Angústia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

JONAS, Hans. (1979). **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução do original alemão Marijane Lisboa. Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

POMMIER, Gérard. **O Desenlace de uma análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.